

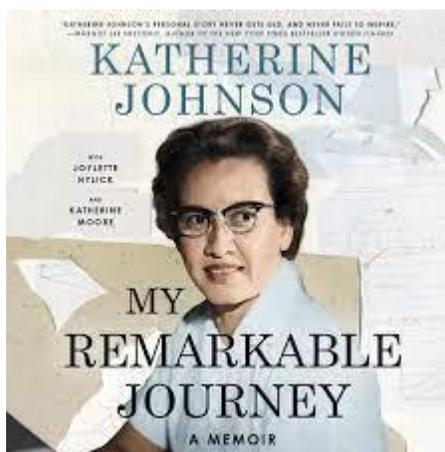
RECENSÃO CRÍTICA DE “MY REMARKABLE JOURNEY” (2021) DE KATHERINE  
JONHSON

CRITICAL REVIEW OF “MY REMARKABLE JOURNEY” (2021) BY KATHERINE JONHSON

RESEÑA CRÍTICA DE “MY REMARKABLE JOURNEY” (2021) POR KATHERINE JOHNSON

**Luciano Moreira**

CIQUP, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
lucianomoreira@fe.up.pt



*Figura 1* Capa de *My remarkable journey* por Katherine Johnson

*A minha notável viagem* – tradução possível de *My remarkable journey* – de Katherine Johnson narra em primeira pessoa as memórias de uma mulher negra chegada aos 100 anos de idade que fez carreira como investigadora matemática na NASA (Figura 1).

Nascida em 1918 no sul dos Estados Unidos da América numa família humilde, como a mais nova de quatro irmãos, Katherine Johnson teve uma infância marcada pela aprendizagem precoce das letras e números prenunciando um percurso académico excecional e multifacetado. Formou-se aos 18 anos em francês e matemática pela Universidade da Virgínia Ocidental, casou, teve três filhas, ensinou piano, francês, matemática, dedicou-se ao lar, participou da vida da igreja e da comunidade. Aos 38 anos enviuvou; voltou a casar-se adiante. Em 1953, integra a equipa de *computadores humanos* da NACA (National Advisory Committee for Aeronautics), que viria a dar lugar à NASA (National Aeronautics and Space Administration). Foi condecorada por Barack Obama e tornou-se popular através do filme *Hidden Figures*, baseado no livro homónimo de Margot Lee Shetterly. Viveu 101 anos.

As memórias de Katherine Johnson revelam-nos um percurso único, mas nunca solitário, em tempos de fortes tensões raciais, sexuais e geopolíticas. No entanto, as circunstâncias histórico-sociais nunca foram causa de desesperança. K. Johnson viverá a condição de mulher negra ocidental através de escolhas difíceis, mas conscientes.

Os pais inculcaram nela o valor da educação e do respeito por si mesma e pelos outros. Os professores – evocados pelo nome, porque as memórias de K. Johnson são um exercício de gratidão – das escolas reservadas aos negros estimulam a sua curiosidade intelectual. Será um deles a plantar-lhe o sonho de se tornar uma investigadora matemática.

K. Johnson, porém, não se deixa cegar pelo sonho. A espaços parece mesmo esquecê-lo, como quando abandona o curso de estudos avançados em matemática. K. Johnson contava-se entre os primeiros três negros a frequentar a Universidade de Virgínia Ocidental quando a primeira gravidez a coloca perante um dilema. Confessando que a pressão de ser a primeira negra numa escola branca e mãe pela primeira vez seria excessiva para si, K. Johnson decide pela maternidade. Trata-se de uma escolha consciente, serena e alegre. Passa a viver conjugalmente e tem mais duas filhas. O marido, isento do serviço militar da II Guerra Mundial, adocece gravemente em 1944, pelo que K. Johnson volta a ensinar, desta vez química. Na verdade, ocupa diretamente o lugar do marido em Carnegie, a pedido do diretor.

A integração na NASA parece um acidente na vida do casal. Após uma mudança de residência, K. Johnson candidata-se a uma vaga como *computador humano* em Langley e torna-se, finalmente, uma investigadora matemática. O enredo de *Hidden Figures - Elementos Secretos* nos cinemas portugueses - de 2016 retrata a participação de K. Johnson na missão de John Glenn, primeiro americano a orbitar a Terra, em 1962. Entre o filme e as memórias de K. Johnson há diferenças. K. Johnson nunca teve que atravessar as instalações para usar a casa de banho reservada aos negros. Por outro lado, é verdade que teve de ser ousada para conseguir estar presente nas reuniões reservadas aos engenheiros (homens e brancos) e que o astronauta John Glenn pediu que *a miúda* calculasse a trajetória orbital para validar a que tinha sido gerada pelo computador.

Ainda hoje a ciência está longe de ser democrática. Numerosos obstáculos se interpõem entre os jovens e a ciência. K. Johnson mostra que entre o determinismo social e a ingenuidade há um terreno de ação intermédio. O interesse pela ciência não é dado, mas construído. Por isso, a partir de experiências concretas, a escola e os professores podem criar as condições para que a realidade social se transforme.

## REFERÊNCIAS

Johnson, K. (2021). *My remarkable journey: A memoir*. HarperCollins.